



# ORFANATO PICTÓRICO

Glauco Gonçalves

# ORFANATO PICTÓRICO

Glauco Gonçalves

CURADORIA

Paulo Duarte-Feitoza

Vila Cultural Cora Coralina

24 de junho a 20 de julho de 2025

Goiânia - Goiás - Brasil



## CHÃO DE DOMINGO

Orfanato pictórico, instalação que ocupa a sala Antônio Poteiro da Vila Cultural Cora Coralina, reúne parte das imagens que Glauco Gonçalves vem coletando ao longo de mais de três anos, em suas visitas quase rituais, todos os domingos, à Feira da Marreta. O título opera como provocação e imagem-conceito: um abrigo para pinturas órfãs, sem origem identificada, sem paradeiro certo, mas ainda carregadas de significados.

O trabalho de Glauco Gonçalves começa entre os corredores da Feira da Marreta, espaço onde tudo pode voltar a ser mercadoria – um cemitério e mercado ao mesmo tempo, em que os restos da casa voltam a circular. Os objetos que aterrissam no chão são ruínas de afetos e vestígios de uma sociedade do consumo, prontos a receber novos usos e sentidos. Todos os domingos, o chão da feira se transforma num grande palco provisório, onde o acaso e aleatoriedade propiciam reencontros entre olhos atentos e coisas abandonadas.

E é neste grande cenário que o gesto performático do artista se mistura com o de tantos outros corpos em trânsito. A ação corporal e repetida de Glauco, a cada domingo, sob o sol intenso, o faz buscar, olhar, escavar e negociar. O gesto do artista se realiza na própria performance de comprar, coletar e colecionar: um artista-marchand às avessas, que atribui valor ao que foi descartado. A primeira operação de Gonçalves é o garimpo, um gesto atento de escuta visual e persistência: retornar à feira, ao mesmo chão, à mesma repetição do gesto de buscar, se agachar, escolher e adotar.

Se antes o artista coletava, agora ele compõe, organiza, redistribui e encena: o acúmulo se transforma em instalação. Orfanato pictórico não é um conjunto aleatório, mas uma construção visual com força crítica e sensível. Ao olhar para os trabalhos reunidos e negociados pelo artista, é possível identificar núcleos recorrentes, como pinturas infantis, crochês, flores, abstrações, objetos religiosos, frases inspiradoras, entre outras.

Os descartes que outrora estiveram no chão voltam à parede, num gesto de insurreição dos objetos e reativação do olhar. Do chão da feira à parede da galeria, o gesto artístico persiste: a instalação é sua segunda operação.

A riqueza do material coletado por Gonçalves provoca uma série de reflexões e perguntas sobre os objetos que um dia adornaram nossas casas. Talvez a primeira e mais pertinente seja: o que descartamos? Por um lado, se muitas dessas imagens compunham o adorno doméstico, -aquilo que em tese embeleza e personaliza-, o que elas nos dizem sobre o gosto, o tempo e o valor simbólico e afetivo que atribuímos aos objetos? Por outro, o Orfanato não abriga somente “belezas” descartadas, mas também vestígios de memória, fragmentos de histórias pessoais que, em algum momento, foram deixados para trás. Curiosamente, grande parte das imagens é composta por pinturas infantis. Por que são tantas? O que essas imagens nos dizem sobre a forma como construímos e desconstruímos os vínculos com a infância, com o gesto criador primário, com o que é considerado provisório, sem valor artístico, e, muitas vezes, nem mesmo simbólico?

Outra reflexão importante diz respeito à vida e a trajetória desses objetos, marcadas por um trânsito entre espaços domésticos e afetivos, comerciais e, por fim, institucionais. Do interior da casa à Feira da Marreta: um percurso que começa nas mãos de quem lhes atribui sentido e afeto, mas que, por razões diversas, decide descartá-los. As pinturas e objetos que um dia decoraram lares agora fazem parte de uma outra cena, reorganizados sob outras luzes, novas leituras diante de novos espectadores. A galeria se transforma, assim, num novo contexto de acolhimento, que adota publicamente essas memórias órfãs e lhes propõe outros sentidos.

Cada pintura, cada objeto, está impregnado de histórias, afetos e intenções, mesmo quando não guardam qualquer vestígio de autoria. Alguns trazem assinaturas, datas, nomes próprios; outros chegam anônimos ou apagados pelo tempo. A instalação é uma polifonia de fragmentos, na qual o sentido se constrói nos entremeios, nas relações inesperadas entre os objetos, mas também entre aqueles que os observam. Estamos diante de um inventário do ordinário, das imagens que sobraram, resistiram, e que agora reaparecem numa poderosa insurreição silenciosa.

O gesto de Gonçalves, ao resgatar o que foi descartado e deslocar essas imagens do chão à parede da galeria, tensiona entrelugares: entre arte e não arte, entre valor e desvalia, entre memória e esquecimento. Quando parece que essa discussão já havia sido esgotada, ele a reabre com delicadeza e contundência: afinal, o que pode ser arte?

Glauco Gonçalves nos oferece uma poderosa chave para pensar o contemporâneo: ver valor naquilo que outros descartam. Ele nos coloca diante de um orfanato onde as imagens abandonadas não apenas sobrevivem, elas insistem em voltar a falar.

Paulo Duarte-Feitoza

Curador









Regras da Família:

1. Faça o outro feliz
2. Fale com "Sim"
3. Diga sempre a verdade
4. Tenha boas maneiras
5. Escolha o certo a fazer
6. SEJA CORAJOSO!
7. PROTEJA SEU
8. Perdoe a todo instante
9. Sempre faça o melhor que puder
10. Seja grato



## FEIRA DA MARRETA, REINSERÇÃO- RESSURREIÇÃO DOS RESTOS NO (CURTO) CIRCUITO DE TROCAS

Quando chegaram aqui pra tirar esta cidade do papel do Atilio e botá-la no chão, o que quebrava ou sobrava juntavam e levavam pra Marreta. A Marreta existe antes de Goiânia e existirá depois dela: todo estilhaço do maior dos prédios ao pedaço do parafuso é devir Marreta. Talvez, dada a velocidade estonteante do colapso do urbano, mesmo este nosso tão rural, agorinha mesmo enquanto escrevo a Marreta se expande feito aqueles esquemas da física quântica.

Isso pra não falar que se de cá temos a Feira da Marreta, o Rio inteiro, em todo meio, tem Shopping Chão, e São Paulo não no centro, mas em seu extremo, tem a Feira do Rolo. E não é difícil observar que há uma conurbação incessante, destas e tantas mais cidades, pelos seus restos, quebras, sobras, partes e partículas de algo que já foi mercadoria e agora alguém num espaço-pacto coletivo ousa reinventar e reinseri-lo como mercadoria. Para cada resto, reivindicase algum valor de troca.

A sociedade que produz incessantemente mercadoria e depois as descarta em pedaços cada vez mais velozes é devir Feira da Marreta. A obsolescência programada de cada coisa encontra um contragolpe ousado e irreverente no espaço da Marreta.



Cada pedaço de chão, uma barraca. Do amanhecer do domingo ao começo da tarde, nos arredores da Pecuária faz-se o milagre: pedaço de fio à venda. E é pela soma da cada coisa com sua mágica condição de despedaçado que surge a barraca de pastel, de sarapatel. É por conta do pedaço de perna de cadeira à venda que vem o moço com suas sólidas e lindas mesas de madeira. É a soma dos restos que traz todos os demais gestos e objetos.

Mora ainda neste espaço-tempo do dominical matinal do marretar interstícios sutis entre o legal e o ilegal. E dada a violência da propriedade é nisso que a Feira da Marreta é (re)conhecida. Mas o que se vende depois de ser roubado é uma partícula pequena do mar de pedaços, estilhaços, fragmentos desesperados para voltarem à condição de algo que alguém tem.

A maioria das coisas que está à venda não funciona. O quebrado oferece sua utilidade prático-poética expositiva. Certas vezes alguém aposta que este ou aquele objeto pode ressurgir em estado de uso. Se os parasitas do mercado apostam em papéis abstratos, por que não apostar na ressurreição do uso de uma torradeira de pão, mesmo que esteja à venda só uma parte dela?

Pedaço de fio de telefone, máquina de escrever quebrada, máquina de secar cabelo, pedaço de máquina de escrever que pode ser usada para secar cabelo: o rapaz da banca conta e explica como faz. Sapato usado e sem usar. Tem os que vêm em pares, mas facilmente se encontra os que são pé só.





No chão, em meio à imensidão da miríade de coisas, me deparo com o Renascimento italiano de Piero Della Francesca em Encontro das três cruzes e A ressurreição de Cristo. Insisto: no chão. E por cima uma tomada com fio desencapado mistura-se a uma furadeira enferrujada, provavelmente quebrada. Mais atrás nota-se um pedaço de chuveiro sem tampa, fios expostos. Há dois ou três discos de vinil, todos sem capa. Cortados ao meio na imagem. Os fios verdes e vermelhos, também cortados na imagem, parecem ser inteiros e têm o aspecto da coisa mais nova de todas que aparecem na foto. Nota-se, pouco atrás do disco, uma cabeça de martelo enferrujada e sem cabo. Junto um alto-falante arrebitado, uma panela muito enferrujada (como seria usá-la pra fritar uma moela?). Um serrote, também enferrujado. A ferrugem é uma presença imanente na Marreta. Três potes de spray, duas ou três válvulas de gás de cozinha. O objeto que aparece na frente dele eu não sei qual é: trata-se de uma ferramenta ou de um pedaço de outro objeto ausente? Conto, ainda nesta mesma imagem, mais uma dezena de coisas, são pedaços ou são em si algo por inteiro? Além do livro, alguma outra coisa que está na imagem funciona? Desisto de tentar descrever tudo. E estamos diante de meros dois metros quadrados de uma feira que tem, sei lá, um quilômetro quadrado.

A Feira da Marreta é uma coleção de convites à invenção e à inversão do uso e da troca. Outra hora venho aqui e continuo este texto com mais pedaços deste conjunto, talvez uma tipologia, talvez botando em destaque coisas particularmente absurdas. Como seria selecioná-las em meio a tantos objetos dissidentes que favorecem a dissipação do entendimento do absurdo? Há absurdos absolutos?

Pensei também em fazer um texto listando tudo quanto é coisa que tem por lá: desisti. Seria maior que a bíblia. Seria a bíblia da sociedade da mercadoria decomposta.

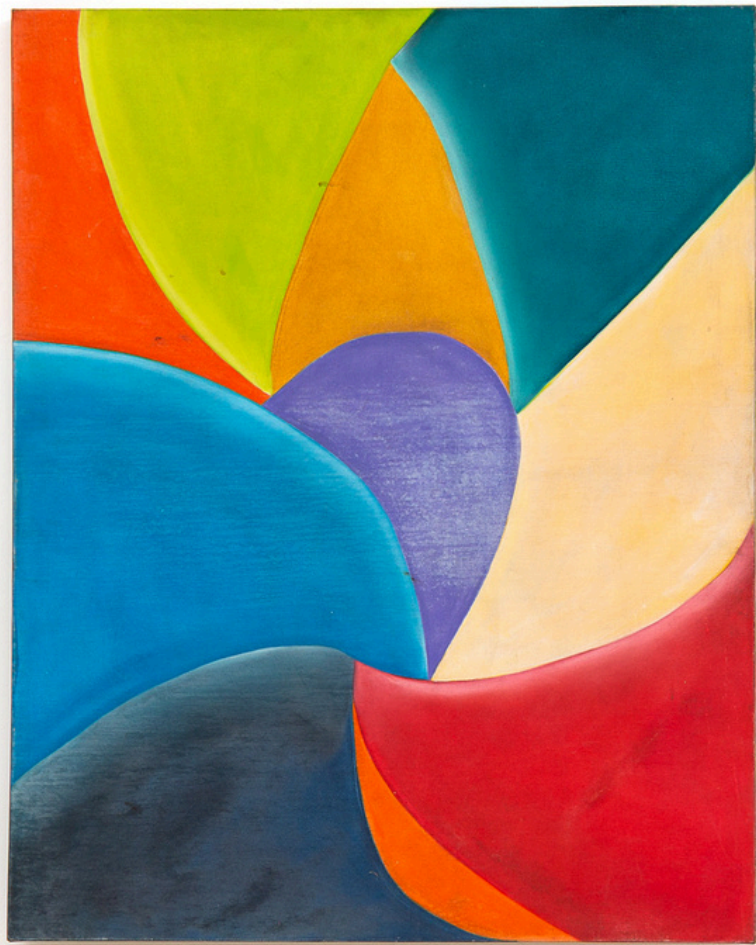
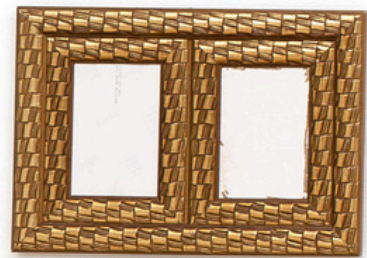
Se um dia chegar um artista famoso, internacional e tal e dizer “isso tudo é uma instalação”, a Marreta vira uma Pavilhão, um Salão ou uma Bienal (semanal) de artes contemporânea?

Se a cidade de Goiás é patrimônio da humanidade, a Feira da Marreta é patrimônio da sociedade da mercadoria.

Glauco Roberto Gonçalves

Publicado originalmente na Revista Ermira em 24 de julho de 2022

















## **ESTADO DE GOIÁS**

### **Ronaldo Ramos Caiado**

Governador do Estado de Goiás

### **Daniel Elias Carvalho Vilela**

Vice-Governador

## **SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA**

### **Yara Nunes dos Santos**

Secretária de Estado da Cultura

### **Rodrigo Rodrigues de Oliveira**

Chefe de Gabinete

### **Raissa Coutinho David**

Superintendente de Fomento e Incentivo à Cultura

### **Dirce Vieira**

Gerência de Gestão de Equipamentos Culturais

### **Taís de Melo Lobo**

Chefe de Comunicação

### **Noemia Caiado Vasco**

Gerente de Fiscalização e Manutenção do Patrimônio

### **Claudia Maria da Silveira**

Gerente de Apoio Administrativo e Logística

### **José Mário Saraiva de Abreu**

Chefe da Equipe de Transporte

## **VILA CULTURAL CORA CORALINA**

### **Gilmar Camilo**

Diretor da Vila Cultural Cora Coralina

### **Lucas Andrade Santana**

### **Marcelle Veríssimo de Souza**

### **Tito Oliveira Coelho**

Equipe Vila Cultural Cora Coralina

### **Evaldo Fernandes Queiroz Neto**

### **Vinícius Henri Lobato Monteiro**

Bolsistas PROEC/UFG/SECULT-GO

### **Lucas Gabriel Mendes Pereira**

Programa Jovem Aprendiz

## **EXPOSIÇÃO**

### **Orfanato Pictórico**

### **Glauco Gonçalves**

Artista

### **Paulo Duarte-Feitoza**

Curadoria

### **Cleandro Elias Jorge**

Montagem

### **Bia Menezes**

Design gráfico

## **AGRADECIMENTOS**

Benedito Ferreira

beta(m)xreis

Bulacha

Tarsilla Couto de Brito

Triz Sá

## **CATÁLOGO**

### **Organização**

Paulo Duarte-Feitoza

Glauco Gonçalves

Triz Sá

### **Projeto Gráfico**

Triz Sá

### **Fotografias**

Paulo Rezende

p. 7-10, 15-16

Glauco Gonçalves

p. 3, 11-14, 17-21

Triz Sá

p.21

### **Textos**

Paulo Duarte-Feitoza

Glauco Gonçalves



**SECULT**  
Secretaria de Estado  
da Cultura



Glauco Gonçalves – Orfanato Pictórico [livro digital] / organizadores,  
Paulo Duarte-Feitoza, Glauco Gonçalves e Triz Sá. Goiânia, GO: Ed. dos  
Autores, 2025. 24 p.: il.

PDF

Curador: Paulo Duarte-Feitoza

Artista: Glauco Gonçalves

ISBN (livro digital): 978-65-01-86832-5

1. Arte contemporânea – Exposições 2. Artes visuais – Exposições –  
Catálogos I. Duarte-Feitoza, Paulo. II. Gonçalves, Glauco III. Sá, Triz. IV.  
Rezende, Paulo.

CDD – 700.74

